



Luís Conceição / Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa; Doutor pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Professor no Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa. Director do Departamento de Ciências e Tecnologias e Coordenador do Mestrado Integrado em Arquitectura do Instituto Universitário Manuel Teixeira Gomes.

A consagração do espaço através da arquitectura Architecture and Sacred Space

Resumo:

Para podermos falar de Arquitectura e Espaço Sagrado, deveremos começar por estabelecer alguns contornos para o tema, já que, sendo de conteúdos aparentemente simples, ele apresenta diversas hipóteses de compreensão. A primeira questão a colocar, prende-se com o domínio do Sagrado em si mesmo: como primeira hipótese de trabalho, poderemos considerar que é para nós sagrado tudo o que constitui um aforismo. Esse aforismo é identificável dentro de um determinado sistema cultural: aquele a que pertencemos. Ora, ao referirmos um “dentro”, pressupõe-se a existência de um “fora”. É nesta rotura que o Sagrado se manifesta, por oposição ao Profano, ou seja, em oposição ao que lhe é exterior.

palavras-chave: arquitectura; espaço sagrado; espaço profano; hierofania.

Abstract:

In order to being able to talk about Architecture and Sacred Space one should start by establishing some contours to the theme, whose contents present us with different hypothesis of comprehension. The first question has to do with the Sacred in itself: as a first hypothesis we can consider sacred as all which constitutes an aphorism. This aphorism is identifiable within a certain cultural system; the one we belong to. As referring to “within” something we are supposing the existence of a “without”. We tend to believe that sacred manifests itself in this very rupture, as opposed to profane, i.e., as opposed to what is situated outside.

keywords: architecture; sacred space; profane space; hierophany.

O objectivo desta apresentação é o de abrir um caminho de compreensão de dois conceitos matriciais:

- o de que existem espaços sagrados
- e o de que a Arquitectura contribui para a sua materialização.

Quando me refiro à consagração do espaço, tomo em consideração a sua infinitude, ou seja, parto do princípio que o espaço é uma espécie de magma infinito e amorfo, que pode adquirir condições de diferenciação através de condições particulares de leitura e de apropriação. Quero eu com isto dizer, tão somente, que o espaço é aquilo que é, aquilo como é, aquilo para que é, em si mesmo e que, só através da nossa intervenção, a um nível, interpretativa, a outro nível, interventiva, se transforma em algo diferenciado e qualificado.

- O espaço é como é e é o que é, até que nós o transformemos naquilo para que ele vai ser e no modo como ele vai ser aquilo em que o transformarmos.

Nesta perspectiva, passará a ser sagrado todo o fragmento ou porção de espaço que designarmos ou apontarmos enquanto tal. Diria, para me contradizer mais tarde, que todo o espaço é, em si mesmo, profano! De igual modo, toda a arquitectura é, em si mesma, profana.

Por mais polémica que seja esta opinião, não acredito na existência de uma Arquitectura Sagrada. Acredito que a Arquitectura pode contribuir para a consagração e a materialização do espaço e, em particular, dos Espaços Sagrados. É claro que existem aforismos arquitectónicos que constituem património colectivo das comunidades e mesmo da Humanidade. Não será, contudo a Arquitectura que é sagrada, mas o significado que esses aforismos encerram para a História e para a Cultura dos povos que se revêem neles. Mas talvez não seja este o local nem o momento para esta discussão.

Para podermos falar de Arquitectura e Espaço Sagrado, deveremos começar por estabelecer alguns contornos para o tema, já que, sendo de conteúdos aparentemente simples, ele apresenta diversas hipóteses de compreensão.

A primeira questão a colocar, prende-se com o domínio do Sagrado em si mesmo. Como primeira hipótese de trabalho, poderemos considerar que é, para nós, sagrado tudo aquilo que constitui em si mesmo um aforismo. Esse aforismo é identificável dentro de um determinado sistema cultural: aquele a que pertencemos.

- Por aforismo pretendo referir algo que se assume culturalmente indiscutível e que, por essa mesma razão, se constitui como referencia cultural!

Um aforismo só o é para quem o entenda enquanto tal, ou seja, para quem esteja “por dentro” das suas razões identitárias. Um estranho a essas razões nunca o identificará desse modo. Essa incapacidade de identificação com o referido aforismo é, assim, entendida como profana.

Ora, ao referirmos um “dentro”, pressupomos a existência de um “fora”. É nesta rotura que o Sagrado se manifesta, por oposição ao Profano, ou seja, em oposição ao que lhe é exterior.

- É, sobretudo, neste sentido colectivo que o conceito de Sagrado se relaciona, em parte, com o de Religião.

Aquilo que cada um de nós considera Sagrado exige na maior parte das vezes uma partilha para o ser de facto, ou, pelo menos, para poder vir a ser colectivamente “consagrado”, sendo que o prefixo “com” pressupõe esse sentido colectivo de identidade.

Essa partilha pressupõe que um grupo de indivíduos reconhece um determinado facto ou sistema de valores como sendo sagrados. Este reconhecimento colectivo re-liga

esses indivíduos em torno desses factos ou valores, constituindo, deste modo, um sentimento religador, religioso.

Esse sentido existe, também, de certo modo, por exemplo, entre os adeptos de um clube de futebol, entre os moradores de um bairro, os membros de uma família ou os crentes de um determinado culto.

É claro que cada um de nós possui, individualmente, os seus objectos, os seus espaços, os seus valores sagrados, segredos íntimos, inconfessáveis aforismos privados, mas eles só se tornam verdadeiramente expressivos e passíveis de consagração, quando partilhados. Volto a referir que o prefixo “com” determina um sentido colectivo, ou seja, o meu conceito de “sagrado” só é verdadeiramente “consagrado” na medida em que seja partilhado por outros.

Por outro lado, apesar de não ser necessária a existência de um culto a uma qualquer divindade ou a um sistema transcendente ou mágico, para que o Sagrado exista e se manifeste, este assenta em rituais que, por mais simples que sejam ou pareçam ser, têm por objectivo a demarcação de um território, o desenho de um espaço e de um tempo únicos e apenas entendível pelos iniciados, razão pela qual, na maior parte das vezes é também apenas acessível a esses mesmos iniciados. É por isso que existem profanos, os não iniciados, que ficam fora do espaço sagrado... Mesmo que estejam dentro do sítio físico, encontram-se culturalmente fora...

Vejamos, para um extraterrestre, ou para um indígena da Amazónia, assistir a um jogo de futebol ou a uma tourada, deve ser um facto culturalmente tão interessante, como para nós, assistir a uma longa conferência científica centrada no aparelho digestivo da baleia, proferida em japonês!

Falamos de identidade cultural e de identidade de comunicação. No entanto, estes dois factores estão longe de ser suficientes para o reconhecimento e definição da

matricialidade do aforismo.

É na existência de um qualquer ritual que assenta a necessidade de conformação de um espaço para que o Sagrado se afirme e se torne visível e habitável.

- Costumo dar como exemplo, na chegada à praia, do gesto de estender a toalha na areia, ou de espetar o guarda-sol no chão. Trata-se de um ritual de sacralização/consagração de um lugar, que passará a ser nosso enquanto lá estivermos.

Para além de algo que pressupõe a escolha do lugar, por mais inocente e inconsciente que esta seja, existe, subjacente, um acto irreversível de apropriação. Essa apropriação pressupõe, de imediato, uma consagração. O comum dos banhistas terrestres entende-o e coíbe-se de o trespassar.

O mesmo exemplo poderá ter por suporte a escolha de uma mesa num restaurante, ou a escolha do lugar na sala de aula, por parte de um estudante. Em qualquer dos casos, aliado a essa escolha, existe sempre um acto ritual de demarcação/apropriação do espaço.

- Entra aqui um factor novo para a condução deste discurso: o lugar!

Já referimos que o espaço sagrado se desenha em função de um ritual, mas não tínhamos referido a necessidade da existência de um lugar físico, ou lugares, para esse mesmo exercício.

Voltando ao exemplo anterior, poderemos reconhecer, entre outros, dois tipos de banhistas: o banhista sedentário, que todos os dias regressa ao mesmo sítio para a repetição do seu ritual de apropriação de um pedaço de praia – o seu topos -, e o banhista nómada, que vai vagueando ao longo do areal, estabelecendo em locais diferentes o mesmo ritual de apropriação. O ritual é o mesmo, mas os locais vão

variando... O sentido da sacralização do espaço mantém-se nos dois casos. Mas existem outros tipos: o banhista que se desloca centenas de quilómetros para ir “àquela” praia específica exercer o seu ritual de modo também específico, e nos seus antípodas, o banhista sedentário que constrói um espaço físico fixo na praia, onde regressa durante toda a temporada, ou mesmo durante toda a sua vida.... Poderíamos passar aqui a manhã e a tarde a especular sobre este tema, aparentemente tão simples, porque o é de facto, mas tão rico no seu potencial existencial.

Vamos agora um pouco mais longe, e para isso vamo-nos socorrer daquilo que, no nosso imaginário colectivo contemporâneo se entende por espaço Sagrado e por espaço Religioso: os espaços de culto! Estes espaços servem geralmente de suporte a rituais litúrgicos, que podem consistir numa sistemática repetição dos mesmos desenhos, ou irem-se alterando, de forma também repetitiva, segundo o ciclo das estações do ano, ou outros tipos de periodicidade, numa sistemática relação com o cosmos. Normalmente eles são consagrados através de um suporte físico que facilite a sua identidade e o acolhimento dos que a ele têm acesso: geralmente um Templo, mas nalguns casos apenas um sinal. Nos cultos esotéricos esses sinais seriam apenas acessíveis a iniciados, manifestando-se de modo mais afirmativo nos cultos esotéricos.

De um modo geral, poderemos afirmar que existem três modelos básicos para a determinação, escolha e desenho desses lugares:

O primeiro, é um modelo essencialmente mágico. Uma manifestação sobrenatural, diferenciada, mística, isto é, uma hierofania, determina o local sagrado: temos, entre nós, o exemplo da Cova da Iria em Fátima e tantos, tantos casos de “senhoras aparecidas” em troncos ocos de árvores, em grutas, junto a nascentes de água, pedras de fertilidade, etc...., que originaram ao longo dos tempos romagens e espaços de culto e de devoção, vindo-se posteriormente a afirmar fisicamente através da construção de um templo, eventualmente singelo e sereno, já que foi a hierofania que determinou o lugar e é a ela que se pretende regressar, invocando-a preferencialmente através de

rituais apropriados.

- Podem também enquadrar-se neste primeiro modelo os monumentos erguidos em memória de acontecimentos de carácter profano, mas de algum modo considerados sagrados ou miraculosos... refiro-me por exemplo ao Mosteiro da Batalha ou à Igreja da Memória, em Lisboa...

O segundo, é um modelo essencialmente telúrico. É a própria natureza que exhibe a sua condição mágica, diferenciada, mística, a que o Homem não pode deixar de render homenagem, diluindo-se nela através da sua humanização, por interposição de uma arquitectura contextual e contextualizada, em que as edificações emergem do solo como as nascentes de água, como as plantas, os afloramentos rochosos...

- A magia e o sentido do sagrado resultam aqui dessa simbiose, que encontramos, por exemplo, no Conventinho dos Capuchos na Arrábida, na Senhora do Cabo, no Cabo Espichel, ou no Convento dos Capuchos em Sintra. O Mundo em geral, e o nosso País, em particular, estão repletos de lugares deste tipo.
- Frank Lloyd Wright mostrou parte da sua mestria ao consagrar o local dos piqueniques sazonais da família Kaufmann através da concepção e edificação da Falling Water, a casa da cascata...

O terceiro, aparentemente mais prosaico, é um modelo essencialmente arquitectónico. Na inexistência de uma hierofania ou de um lugar mágico diferenciado, é o Templo que é concebido para diferenciar o lugar, para se afirmar e exercer o seu papel apelativo e impositivo, pela formalização da sua presença. Essa formalização obedece a uma simbólica própria e a uma escala também diferenciada. Falamos das igrejas que se erguem nas nossas vilas e aldeias, afirmando-se pelas torres sineiras e pela forma e dimensão do seu porte, tal como os minaretes das mesquitas muçulmanas se exibem

na urbe, pontuando e chamando as suas freguesias....

- É neste modelo que a arquitectura mais se valoriza, já que o templo surge onde é possível, manifestando-se através da sua presença insólita e única, cabendo-lhe devolver e afirmar, através da sua conformação, o carácter mágico e sagrado que, nos modelos anteriores, caberiam essencialmente à mística das manifestações e à mística dos lugares.
- Aqui é a Arquitectura que afirma essa mística e consagra o lugar, é a Arquitectura que manifesta o Sagrado! Podemos “profanar” este conceito referindo, também, a “casa da música” no Porto, ou o Museu “Guggenheim” de Bilbao, só para sermos evidentes, já que se tratam, hoje, de atitudes arquitectónicas “consagradas”...

Mas resta-nos ainda tentar perceber um pouco melhor de que modo é que a Arquitectura por si mesma nos consegue transmitir a noção do Sagrado e sacralizar lugares à partida tão indiferenciados como tantos outros...

Naturalmente não tenho qualquer pretensão de responder de modo integral ou esgotar aqui este tema, mas existem elementos matriciais fundadores da noção de Templo, que encontramos em toda a história da humanidade e em particular na história das religiões, que repetem um imaginário colectivo desse mesmo conceito de Templo, o Temenos da antiguidade clássica, a síntese de um espaço e de um tempo primordiais em que o Homem se confronta com as suas dúvidas, com a sua insegurança, com os seus medos, mas também com as suas esperanças, com os seus credos, e com as suas certezas: as do nascimento e da morte, as de uma cosmogonia e de uma escatologia da vida, do mundo e do universo...

- Um primeiro princípio é o da criação. O Templo consagra a criação, desenhando-se no território como montanha cósmica, apontada na vertical

viril em direcção ao Céu, e internamente numa penumbra cavernosa, uterina, feminina, nas profundezas da terra.

Montanha cósmica e caverna primordial, o templo começa assim por exhibir-se no espaço numa relação falo-uterina, socorrendo-se conceptualmente da génese, da sexualidade e da fertilidade. Poderemos eleger aqui como arquétipos a Torre de Babel, tão bem interpretada, entre outros, por Dante Alighieri na Divina Comédia..., ou as grandes catedrais góticas que nos foram legadas pelas guildas de pedreiros livres da Idade Média.

- De igual modo, o Templo consagra a morte nas montanhas cósmicas e cavernas primordiais que as Pirâmides de Gizé tão bem ilustram...

Falámos do aspecto formal do Templo, como afirmação do Sagrado. E essa afirmação foi tendo, também, através dos tempos, um papel de centralidade relativamente às comunidades e aos assentamentos humanos. (Pena é que nalgumas vilas e aldeias, em particular no Alentejo, em que o relevo é mais suave, os campanários das igrejas rivalizem hoje, nas suas silhuetas, com os silos de cereais e com os depósitos de água elevados...).

Se o interior do Templo, a caverna primordial, constitui uma espécie de Vitriol, de Caverna de Platão, de regresso a um tempo primordial que se repete sempre que se transpõe ritualmente o seu limiar, algumas constantes são também referenciáveis, embora sejam as respectivas liturgias as verdadeiras determinantes do ordenamento do espaço interno, bem como dos adereços que o decoram.

- A primeira dessas constantes é a Luz: o acto iniciático que representa a entrada ritual no Templo, significa geralmente um regresso ao útero materno para um renascimento purificado. Tal implica um corte com a luz exterior, uma luz profana, indiferenciada, e uma penetração nas trevas,

numa luminosidade gradualmente desvelada, em cujo omphallos, o espaço verdadeiramente místico e sagrado, se manifesta a luz genuína, a luz purificadora.

Esta magia repete-se também nos suportes do espectáculo, em particular no Teatro, em que o espaço também pode ser exclusivamente desenhado pela incidência luminosa.

- A segunda constante diz respeito à Temperatura do espaço. Existe sempre um corte térmico acentuado relativamente à envolvente exterior. O corpo tem que atingir uma temperatura moderada, para que este entre em letargia e o espírito se solte, volátil, em direcção a essa nova luz mística e mágica, purgadora e purificadora.

(Muitos Templos, particularmente alguns cristãos eram construídos sobre linhas de água que diferenciavam o espaço do público do espaço dos sacerdotes, através da mesma dinâmica que permite aos “vedores” geomantes “sentir” a presença da água subterrânea por intermédio de um pêndulo ou de uma vara.)

- A Orientação constitui frequentemente uma constante, sobretudo antes da aplicação da iluminação eléctrica, em que se procurava tirar partido das declinações da incidência solar ao longo do ano. Na tradição, era frequente a orientação dos Templos, ou seja, o voltar o seu espaço hierarquicamente mais sagrado para Oriente, para o nascer do Sol, tal como as antigas “mamoas” e “tholoi” se apresentavam voltadas a Nascente.

Os Muçulmanos rezam voltados para Meca. Existe quase sempre uma relação geográfica, topológica, determinada pelo Templo primordial, o “paradeisos”, o lugar do início ou da primeira manifestação que determinou a repetição do culto ou do Ritual. O mesmo se aplica ao banhista, que se volta, geralmente, para o mar, quando instala o

seu pequeno Templo na praia, independentemente do ponto cardeal em que o mar se situe...

- Para finalizar, outra das constantes, e talvez uma das mais apreciadas pelos Arquitectos, refere-se aos Sistemas Compositivos dos Templos, recorrentemente assentes em traçados reguladores de natureza geométrica, apoiados nas figuras geométricas matriciais (particularmente o quadrado, o triângulo, o círculo, o hexágono e o octógono), bem como nos rectângulos dinâmicos deduzidos a partir do quadrado e do círculo (em particular o rectângulo raiz de dois e a secção áurea, o quadrado duplo e o falso quadrado), quer no plano, quer no espaço (o cubo, a pirâmide, o cone, o cilindro e os paralelepípedos correspondentes aos rectângulos referidos).

Estes traçados harmónicos reguladores, a que Georges Jouven (1979) chamou “Arquitectura Escondida” e alguns autores (Bangs, 2007; Carnac, 1989; Lawlor, 1982; Mann, 1993; Marçais e Rey, 1998) incorrectamente chamam “Geometria Sagrada”, podem ser encontrados em toda a Arquitectura do espaço Simbólico e Sagrado, não só na civilização Indo-Europeia, mas também no Oriente e na América Pré-Colombiana.

Essa geometria procura não só o estabelecimento de uma harmonia perfeita do espaço e da forma do edifício, como também uma harmonização com o seu contexto microcómico e macro cósmico.

Como refere Mircea Eliade em “O Sagrado e o Profano”:

Situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo, são acções que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir, criando-o! Ora, este Universo é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos Deuses: ele

participa, portanto, da santidade da obra dos Deuses (Eliade, [1957] s.d., p. 48).

O seu desenvolvimento nesta comunicação torná-la-ia extenuante e extensa, pelo que o guardo para outra oportunidade.

Referências:

- BANGS, H. (2007). The return of sacred architecture. Vermont: Inner Traditions.
- CARNAC, P. (1989). L'architecture sacrée. Paris: Editions Jean Bouilly.
- ELIADE, M. ([1957] s.d.). O sagrado e o profano. Lisboa: Livros do Brasil.
- JOUVEN, G. (1979). L'architecture cachée, tracés harmoniques. Paris: Dervy.
- LAWLOR, R. (1982). Sacred geometry. London: Thames and Hudson.
- MANN, A. T. (1993). Sacred architecture. Dorset: Element Books.
- MARÇAIS, P. e REY, D. (1998). Aperçus sur la géométrie sacrée. Paris: Guy Trédaniel Éditeur.